ISSN 0103-0590

Embrapa

Amazônia Oriental

Recomendações Básicas — 33

Julho/97

CENTRO DE PESQUISA AGROFLORESTAL DA AMAZÔNIA ORIENTAL

BRUCELOSE: UMA AMEAÇA PARA A PECUÁRIA EM ÁREAS DE FRONTEIRA AGRÍCOLA DA AMAZÔNIA

Hugo Didonet Láu[1]

I. INTRODUÇÃO

Embora bastante estudada e conhecida em todo o mundo, a brucelose representa ainda um séria ameaça para a exploração da pecuária bovina em áreas de fronteira agrícola na Amazônia.

Responsável por elevados prejuízos causados, principalmente, pela diminuição do desfrute do rebanho, redução da produção de leite, produção de crias debilitadas e desvalorização comercial dos animais infectados, essa doença constitui também um problema de saúde pública, pois pode infectar o homem.

Visando levar ao meio rural, especialmente de agricultura familiar em áreas de fronteira agrícola, conhecimentos básicos sobre os aspectos relacionados com a situação atual, contágio, disseminação, sintomas e práticas de controle da brucelose, elaborou-se este trabalho.

[1] Med. Vet., M.Sc., Embrapa Amazônia Oriental, Caixa Postal 48, CEP 66017-970, Belém, PA.

EXPEDIENTE

Edição: Área de Editoração e Publicações. **Coordenação:** Antonio Ronaldo Camacho Baena. **Revisão Gramatical:** Maria de Nazaré M. dos Santos. **Diagramação e composição:** Euclides Pereira dos Santos Filho. Exemplares podem ser solicitados à Embrapa Amazônia Oriental – Cx. Postal 48, CEP 66017-970, Belém, PA. **Fones:** (091) 246-6333 e (091) 246-6653. **Fax** (091) 226-9845 – **Telex** (91) 1210.

2. SITUAÇÃO ATUAL

Recentes levantamentos mostram que em áreas de fronteira agrícola da amazônia (Ex: rodovia Transamazônica), cerca de 15% do rebanho bovino pertencente às propriedades do tipo familiar está contaminado pela brucelose. Nessas áreas, encontram-se três situações diferentes: 1 - Aquela em que o produtor testa e vacina o rebanho, elimina os animais doentes e adquire somente animais testados ou vacinados. Esse produtor tem o rebanho isento da doença, e os animais e o leite produzido são aptos para consumo e comercialização; 2 - Aquela em que o produtor não testa o rebanho e, portanto, não abate os animais doentes de sua propriedade, porém vacina e compra somente animais testados ou vacinados. O rebanho desse produtor não é considerado isento da brucelose, mas poderá estar livre da doença dentro de quatro a cinco anos. Os animais e o leite retirado são, portanto, suspeitos, com restrições à comercialização e ao consumo, nesse período; 3 - A situação em que o produtor não testa os animais, não abate os doentes, não vacina e não adquire somente animais testados ou vacinados. Nesses casos, o rebanho jamais permanecerá livre da brucelose, sendo os animais e o leite produzido altamente suspeitos e totalmente impróprios para serem comercializados e consumidos.

3. CONTÁGIO E DISSEMINAÇÃO

*A principal fonte de contágio dos animais são os fetos abortados, restos placentários e corrimentos uterinos que contaminam a água e a pastagem, uma vez que encontram-se repletos de germes (**Brucella abortus**) que sobrevivem por cerca de um mês na água e dois meses no solo úmido. Os fetos abortados e os restos placentários, portanto, devem ser queimados e enterrados, e o local desinfetado com solução de soda cáustica, a 2 %, ou creolina, a 5 %. O homem, por sua vez, se contamina através da pele e das mucosas (oral, nasal e ocular), ao ingerir leite cru e seus derivados (queijo) ou por contato direto com secreções vaginais e uterinas provenientes de vacas brucélicas. Os germes morrem com a fervura do leite, após 10 minutos.*

A disseminação da brucelose ocorre, na maioria dos casos, através da introdução de vacas doentes nos rebanhos indenes. Os bezerros alimentados com leite de vacas brucélicas também funcionam como disseminadores, uma vez que podem eliminar germes pelas fezes e urina. A disseminação da doença através de cães, urubus, ratos e moscas que entram em contato com o material contaminado (feto abortado, restos placentários), também deve ser considerada.

O sêmen de touro contaminado raramente dissemina a doença para as vacas,

durante a monta natural. Isso porque, nesse caso, o sêmen é depositado antes do colo uterino, que funciona como uma barreira contra a infecção do útero pelos germes. No caso da inseminação artificial, entretanto, a possibilidade de contaminação da vaca é bastante grande, porque o sêmen é depositado no interior do colo uterino e os germes não encontram nenhum obtáculo para causarem a doença ao animal. A disseminação da infecção de uma vaca doente para uma sadia, através do touro, também é bastante rara.

4. SINTOMAS

O aborto entre o sexto e o oitavo mês de gestação é o principal sintoma nas vacas doentes, que também podem apresentar retenção de placenta, mamite, crias prematuras e debilitadas, além de diminuição da fertilidade e da produção de leite. Após dois ou três abortos sucessivos, os animais adquirem resistência à doença e passam a parir normalmente, porém continuam a ser disseminadoras da doença. Os machos, por sua vez, podem apresentar lesões testiculares que levam à infertilidade.

No homem, a brucelose manifesta-se através de um quadro febril agudo recorrente (febre ondulante), mal-estar, insônia, calafrio, tremor e reumatismos.

5. CONTROLE

O controle da brucelose é feito de três formas conjuntas: a) identificação e eliminação dos animais doentes; b) vacinação sistemática; e c) aquisição de somente animais testados ou vacinados.

A eliminação dos animais doentes é feita através do abate, após mostrarem-se positivos nos testes de soro-aglutinação. Para a realização dos testes é necessária a coleta do sangue dos animais, em frascos limpos e secos. Estes devem ser deixados inclinados, para que haja a coagulação e separação do soro que vai ser usado no exame. Todo animal, positivo, deve ser marcado com um P na face direita. A carne dos animais abatidos serve para consumo humano, desde que bem cozida ou bem assada.

A vacinação dos animais é realizada somente nas bezerras com idade entre três a oito meses, com a vacina B-19 liofilizada, via subcutânea, em uma única dose de 2 ml e tendo-se o cuidado de mantê-la conservada em uma temperatura entre 4 a 6°C. Após a vacinação, os animais devem ser marcados na face esquerda, com um V, acompanhado do algarismo final do ano da vacinação. As fêmeas com idade acima de oito meses não devem ser vacinadas, pois, quando submetidas ao exame, podem apresentar resultados positivos. Nos machos, não há evidências de que a vacinação tenha valor de proteção, inclusive, se forem vacinados,

podem desenvolver um quadro de orquite (inflamação dos testículos) acompanhado da contaminação do sêmen. Além disso, não são os machos os principais disseminadores da doença, e sim as fêmeas. Como a vacina é fabricada com germes vivos, deve-se tomar cuidado no manuseio, evitando-se o contato com os olhos e ferimentos.

Na aquisição dos animais, é fundamental a exigência do teste de soroaglutinação, que deve ser sempre de resultado negativo. Para os animais vacinados (que tenham, na face, a marca do V e do último algarismo do ano da vacinação), basta o atestado de vacinação, caso forem novilhas com até dois anos de idade.

***Qualidade Total** É UMA FILOSOFIA QUE ENVOLVE TODOS OS FUNCIONÁRIOS DE TODAS AS HIERARQUIAS DA EMPRESA.*

A PESQUISA COMEÇA E TERMINA NA SOCIEDADE